

A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: ESTUDO DE CASO COM CRIANÇA AUTISTA EM UMA ESCOLA PARTICULAR

Autor (a): Antonio Nojosa dos Santos Filho
Orientador (a): Andreia Serra Azul da Fônseca

Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ

Resumo: O presente trabalho ressalta a grande importância do psicopedagogo nas instituições escolares, para trabalharem juntamente com o professor no ambiente escolar. Busca-se analisar atuação psicopedagógica no atendimento de crianças com autismo. Além disso, objetiva-se proporcionar situações de agir-refletir-agir compatíveis com os fins educacionais. Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa de campo e bibliográfica na qual existem algumas definições sobre o tema proposto, tentando enfatizar os problemas relacionados com o Autismo. E foi baseado nas leituras de Berehff (1991), Schwarztzman, J. S.(1995), Ana Maria Tarcitano (2008). A metodologia, desenvolvida através de pesquisa de campo com entrevista e bibliográfica, onde houve conceitos e definições sobre o autismo, enfatizou os métodos de ensino aplicado em sala de aula com crianças autistas, e compreendeu-se como funciona a relação do professor com uma dificuldade de aprendizagem que afeta muitas crianças e saber se estiver preparado para resolvê-lo. Acredita-se que para a superação dos problemas de ensinagem em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais proposta pelo psicopedagogo e estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial de nosso projeto. **Há de se destacar que se pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que possuem autismo.** Para isso a pesquisa propõe operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação visando garantir que crianças autistas aprendam.

Palavras-chave: Autismo. Aprendizagem. Capacitação do professor. Pais. Escola.

Introdução

A iniciativa da proposta desse artigo deve-se ao estudo do autismo, mais precisamente na análise do pouco, ou talvez nenhuma, experiência de atuação conjunta entre psicopedagogo e professores da educação básica em escolarizar crianças autistas.

Ao se propor a presente pesquisa, acredita-se que se pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que possuem autismo, embora, há de se evidenciar que o trabalho em questão basear-se-á em hipóteses.

Espera-se que para a superação dos problemas de ensinamento em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais, estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial de nosso projeto.

A problemática é a grande dificuldade de muitos professores. Muitos não sabem manifestar conhecimentos com crianças com autismo. A falta de conhecimento, o despreparo leva ao falso diagnóstico, onde o papel fundamental do psicopedagogo aparece como o principal responsável pelo diagnóstico correto.

Os pioneiros em abordar o autismo separadamente foram Leo Kanner e Hans Asperger em 1943. Kanner publicou seu primeiro trabalho onde observou onze crianças “especiais” com características diferenciadas. Das crianças deram uma definição de esquizofrenia infantil. Seu trabalho foi publicado na revista “nervous Child” e a tese de doutorado em 1944 descreviam sintomas detalhados de casos de autismo, no qual ofereciam esforços para tentar explicar a teoria o transtorno. Ambos acreditavam que durante o nascimento o transtorno se originava, achavam coincidência, escolheram a palavra “autista” para definir o transtorno estudado. Segundo Eugen Bleuler psiquiatra, não era coincidência, mas o estreitamento da relação com pessoas e o mundo, como afastamento da estrutura de vida social para viver em solidão. Por isso as palavras “autista” e “autismo” originárias da palavra grega “autos” significam “próprio”. Kanner trabalhando em Baltimore e Asperger em Viena notaram que havia crianças com capacidades de inteligência acima do normal, mas parecia nenhum tipo de desenvolvimento afetivo com outras pessoas.

O transtorno do Espectro Autista (TEA) possui diferentes síndromes atreladas por manifestações em seu desenvolvimento neurológico com três diferenciações que são características predominantes, que agem em conjunto ou isolada. Dificuldade de comunicação por déficit de domínio da linguagem, uso da imaginação e a dificuldade de socialização. Pode ser chamado também de Desordem do Espectro Autista (DEA ou ASD em inglês), o nome espectro (spectrum) recebe este nome por apresentar varias situações muito diferentes uma das outras, na gradação de leve a grave, e grau maior ou menor que estão vinculadas com dificuldades de comunicação e relação social e familiar, dependendo do caso.

Vale lembrar que na escola, espera-se do psicopedagogo juntamente com professor um oferecimento de aulas com condições necessárias para a realização de atividades diversificadas que minimizem o impacto da inclusão na sala de aula, melhorando, assim, a autoestima, a socialização, a integração do grupo. Também objetiva-se que o psicopedagogo proporcione situações de agir-refletir-agir compatíveis com os objetivos educacionais, metodologias e conteúdos programáticos das séries do Ensino Infantil e contribuindo com a professora, a fim de que tenha domínio na aprendizagem de criança autista com dificuldades; e, assim, proporcionando crescimento do grupo é

investigar como um autista interage com o espaço escolar e proporcionar à professora instrumentos capazes de auxiliá-la na educação com crianças autistas.

Acredita-se que se pode contribuir de forma significativa para a superação das dificuldades de aprendizagem apresentadas por crianças que possuem autismo. Para isso a pesquisa propõe operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação visando garantir que crianças autistas aprendam.

Pensa-se que para a superação dos problemas de ensinagem em autistas, é necessário um planejamento que inclua atividades diversificadas e individuais proposta pelo psicopedagogo e estudo constante, dedicação e muita competência, pois será necessário investigar as teorias de aprendizagem e colocá-las em prática, conhecendo também a história familiar do educando que é o ponto essencial de nosso projeto.

Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa de campo e bibliográfica na qual existem algumas definições sobre o tema proposto, tentando enfatizar os problemas relacionados com o Autismo. A pesquisa foi baseada nas leituras de Bereohff (1991), Schwarztzman, J. S.(1995), Ana Maria Tarcitano (2008). A metodologia, desenvolvida através de pesquisa de campo com entrevista e bibliográfica, onde houve conceitos e definições sobre o autismo, enfatizou os métodos de ensino aplicado em sala de aula com crianças autistas, e compreendeu-se como funciona a relação do professor com uma dificuldade de aprendizagem que afeta muitas crianças e saber se estiver preparado para resolvê-lo.

Resultado

Sabendo que o autista não se adapta ao mundo externo, é preciso que na escola ele tenha uma rotina estruturada, que faz com que ele se situe no espaço e tempo, o psicopedagogo e o professor devem fazer parte dessa rotina, compreendendo que a mesma não é uma restrição a sua criatividade.

A abordagem vivencial é outro fator importante na educação destas crianças tão especiais, pois as vezes o trabalho verbal não é o suficiente, onde o contato físico com o autista é de grande necessidade.

Outro recurso que quando usado no momento adequado e seu estilo estiver de acordo trará bons resultados, é a utilização da música, as preferências são sempre para as infantis (ciranda – cirandinha). A canção deve estar sempre de acordo com momentos específicos, tais como a chegada, hora do lanche, higiene, para que a criança possa relacionar a música com a atividade em andamento.

Além das técnicas, a rotina diária é muito importante na educação do autista, a qual não deve ser alterada, qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança. A importância do ensino estruturado é ressaltada por Eric Schopler in Gaudere r, 1993, no método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências relacionadas à Comunicação), quando afirma: “É bom ter em mente, que normalmente as crianças à medida que vão se desenvolvendo, vão aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto que os autistas e com distúrbios difusos do desenvolvimento precisam de uma estrutura externa para aperfeiçoar uma situação de aprendizagem”.

Estes cuidados permitirão um maior sentimento de pertinência e de previsibilidade quanto ao espaço físico. A sala deve ter um tamanho que permita a realização de atividades de mesa, individuais e em grupos, contando também com alguns colchonetes e almofadas (SCHOPLER, 1993).

Além disso, o educador deve basear seu relacionamento com seu aluno em um conhecimento o mais abrangente da síndrome do Autismo, das características da criança e de técnicas atualizadas de ensino.

É fundamental a pontualidade do aluno à escola, permitindo que ele participe de todas as etapas sem fugir de sua rotina e diminuindo a possibilidade de crises comportamentais durante o período escolar. Ademais, é imprescindível o educador não fugir à rotina, pois é indispensável para a educação do autista. Isto se faz necessário, conforme a afirmação de Weihs (1971), que destaca: “Se desejamos compreender e ajudar uma criança autista devemos por um lado, perceber que somos parte deste ambiente no qual esta criança tem que viver e crescer e, por outro lado, tentar ver seu comportamento, desempenho, habilidades e incapacidades em relação ao que é sempre perfeito nela, a vivência de sua própria personalidade”.

Durante a pesquisa foi observado que a professora e a escola não estão preparados para lidar com aluno autista, durante a observação foi constatado que a parte física da sala de aula que é esta em ambiente aberto, interfere no aprendizado, devido ao barulho ele grita e coloca suas mãos no ouvido. Com isso ele se joga ao chão e às

vezes começa a se despir, ao iniciar as tarefas de classe ele é o último requisitado da professora, no lanche não consegue abrir seu iogurte, suco ou salgadinho de saco etc., mas saber ler todo o alfabeto pronuncia as palavras corretamente em português e inglês, adora a aula de música, saber usar a criatividade para jogos de montar (montou um castelo).

Discussão

Como se sabe, os autistas são diferenciados e cada aprendiz possui características diferenciadas, alguns terão uma enorme dificuldade, outros não terão nenhuma forma de aprender os conteúdos programáticos da escola, principalmente nas disciplinas de cálculos. Por isso é importante conhecer o aprendiz e avaliar suas dificuldades. Interessante seria uma criação de rotina, fazendo isso, pode-se amenizar as dificuldades existentes no autista.

Trabalho em períodos curtos facilita em chamar sua atenção, o uso de imagens para ajudar enquanto da sua aula e melhora a compreensão, estimular a participação de tarefas como na entrega e recolhimento de materiais.

Atividades e Estratégias a serem realizadas pelo Psicopedagogo para trabalhar com o autista.

- Atividades de Vida Diária (AVDs) na escola

Higiene: esta atividade promove maior independência como lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho, vestir-se, despirem-se sozinhos. Estes são trabalhados em momentos específicos dentro do contexto escolar.

Lanche: segundo Schopler (1993), esta é uma situação que prioriza somente a alimentação, mas também permite que um tenha respeito pelo lanche do outro, bem como compartilhá-lo em determinadas situações.

Recreio: este momento é muito importante dentro da rotina escolar, pois é a hora da integração com as outras crianças da escola portadoras de necessidades especiais ou não. Neste instante de liberdade o autista deve ser supervisionado à distância, acompanhando se há ou não um momento de integração com os demais.

Passeio: este é realizado fora da escola. Levando em conta que o autista não é sociável, o passeio oportuniza-o a vivenciar situações sociais nas quais a comunidade participa direta ou indiretamente. De um lado, o autista aprende a conviver com a sociedade e de outro a sociedade aprende a compreender este indivíduo portador de necessidades especiais.

Recreação supervisionada: é característica dos autistas apresentar movimentos estereotipados com o corpo repetidamente, esta atividade busca ampliar o repertório motor, através de brincadeiras lúdicas, com regras fáceis e materiais

diversos. Procura-se nesta hora proporcionar ao grupo momentos de interação, sociabilização e lazer.

Saída: a rotina encerra com a professora estimulando o aluno organizar seu material e a sala de aula.

- O sapo comedor de bolhas

As metas principais dessa atividade são: comunicação verbal, contato visual e desenvolver período de atenção compartilhada de 5 minutos ou mais.

Nessa atividade a professora deverá fazer bolhas de sabão e, com suspense e animação, manusear o fantoche do sapo para que ele “coma” as bolhas. A criança deverá falar a palavra “Bolha”.

Quanto à estruturação da atividade, apresenta-se o potinho de bolhas e começa-se a soprar bolhas para a criança. Se ela se interessar, é interessante fazer mais bolhas. A professora modelará a palavra com a qual a criança poderá pedir por mais bolhas de sabão. Diz-se “Bolhas” diversas vezes enquanto sopra as bolhas e durante a pausa da ação, pega-se o fantoche do sapo e diz à criança que o sapo come bolhas e que ele está com muita fome. Procura-se pegar cada uma das bolhas com a boca do sapo. É interessante fazer um suspense antes de soprar as bolhas e antes do sapo comê-las. Utiliza-se movimentos amplos, exagera-se nas expressões faciais, imita-se o pulo e o som (onomatopeia) do sapo. Quando a criança estiver altamente motivada pela ação, demonstrando querer mais da ação do professor (através de gestos, olhares, sorrisos, sons) passa-se a solicitar durante as pausas que ela tente falar a palavra “bolha” para comunicar a você querer mais. Aguarda-se a resposta da criança celebrar qualquer tentativa para falar a palavra e responder aos sons oferecendo imediatamente a ação desejada por ela.

- Futebol de tecido

Nessa atividade serão utilizados um pano de TNT e uma bola.

As metas principais da atividade são, além da recreação, desenvolver a psicomotricidade, coordenação motora, lateralidade, coletividade e cooperação.

A professora deverá confeccionar uma quadra no pano de TNT, com um gol em cada ponta e com a utilização de uma bola cada equipe pontua.

- Musicalização em roda

Possui como objetivo principal "abrir um canal de comunicação" com a criança quer seja através do olhar, do toque (nos instrumentos) ou da escuta (percepção dos estímulos sonoros).

Neste momento também se gera a possibilidade de

canalizar estereótipos e/ou comportamentos inadequados, utilizando os instrumentos sonoro-musicais para resignificar ações e/ou condutas para atividades construtivas.

Como a escola só pretende conteúdo programático fica difícil para a professora sem auxiliar neste caso, da continuidade de conviver com um autista. Se a instituição contratasse um psicopedagogo com certeza seria de grande auxílio.

Conclusões

Concluindo, pode-se dizer que o autismo é um transtorno do contato e da comunicação, onde a atuação do psicopedagogo deve auxiliar o professor com seus conhecimentos e aplicando em sala de aula. Os professores têm dificuldades ao inserir um aluno autista em sala de aula, ou seja, apesar de buscarem melhoras em suas práticas, pesquisando em livros, internet e comentários de colegas, ainda não possuem preparo para lidar com a inclusão escolar de alunos autistas, uma vez que não tiveram uma formação tanto a nível inicial como contínuas adequadas. O trabalho do educador juntamente com o psicopedagogo com pessoas autistas é árduo. Esse deverá ver o mundo através dos olhos do autista, a fim de que possa planejar programas educacionais efetivos; e, assim, inseri-lo na sociedade de forma mais independente.

Finalizando, há de se destacar que o processo de inclusão só ocorrerá quando existir a conscientização dos profissionais da educação e da sociedade. A sala de aula é composta de níveis de aprendizado diferenciado que a escola tem que respeitar e trabalhar de forma diferenciada. O ensino no nosso país está muito quantitativo, onde as instituições buscam financeiramente o lucro nas redes particulares e na rede pública conta a quantidade permitida, por que não pode exceder o limite das vagas de alunos em sala de aula, senão estaria cheio de alunos também, isso se tratando de alunos ditos “normais”, sabemos que o ingresso de crianças autistas em escola regular é um direito garantido por lei, e as instituições não a respeitam, os pais ou responsáveis precisam entrar na justiça para conseguir a vaga e quando consegue não possui profissional qualificado para sua educação.

Referências

APLICAÇÃO do método teacch para pais. Autismo e os Princípios Educacionais do Programa TEACCH. Disponível em:

http://www.carlagikovate.com.br/index_arquivos/Pages790.htm; <http://www.soldeamor.com/ent_amasmétodo.hym>. Acesso em 18 abril 2017.

BEREOHFF, A. M. P. Autismo, uma visão multidisciplinar. São Paulo, GEPARI, 1991.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Autismo: orientação para os pais. Casa do Autista. Brasília: 2000. 38p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf>. Acesso em: 19 abril 2017.

Direitos das Pessoas com Autismo. Cartilha disponível no portal da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Acesso em 31 de agosto 2017.

GAUDERER, E. C. Autismo – década de 80. São Paulo: Savier, 1993.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SCHOPLER, E., REICHLER, R., RENNER, B. R. The Childhood Autism Rating Scale. Los Angeles: Western Psychological Services, 1988.

SCHWARSTZMAN, J. S. Assunção, F.B. Jr. e Colaboradores. Autismo Infantil, Memnon Edições Científicas Ltda. São Paulo, 1995.